

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 147 - 150

*Portagem*, de Orlando Mendes. São Paulo,  
Editora Ática, 1981.

Sinais de vida no planeta Moçambique

Ana Maria D. de Oliveira

"Escutam assombrados a linguagem nova  
que tenta dar uma interpretação dife-  
rente da vida deles."

(p. 29)

"Há a profecia indecisa duma manhã que  
todos saúdem com a mesma alegria de  
pois de sofrerem os pasmos e as dores  
das suas origens."

(p. 121-122)

Branco e negro, mundos diferentes, com  
uma barreira entre si. Àqueles que se atrevem a misturar  
em suas veias sangue tão distintos, a vida cobra uma  
portagem muito alta. A tarifa alfandegária paga pelo mu-

---

Ana Maria D. de Oliveira é aluna de Pós-Graduação do De-  
partamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP

lato é sempre exigida numa moeda especial: a do sofrimento, e o recibo passado é o da marginalização de ambos os lados. Os negros não o aceitam, pois ousou tentar ser branco, os brancos muitos menos, pois sujou o sangue puro com o sangue sujo dos negros.

Esse conflito é o vivido por João Xilim , personagem principal de Pórtagem, que já carrega em seu nome (Xilim) a marca de sua condição de pagante (xelim). Desde sua infância (e até o final do livro), João é discriminado, tanto por brancos como por negros. Humilhado pelos primeiros, e rejeitado pelos últimos, luta toda a vida, e so consegue fracassos. No final, conforma-se com sua situação, e tenta criar condições para que Izidro, filho seu e de Luísa, uma mulata, tenha uma vida mais fácil que a sua própria.

O enredo do livro é repleto de acontecimentos relevantes. Cada capítulo traz modificações tão significativas para o destino dos personagens que a mais leve distração do leitor pode fazer com que lhe escapem dados fundamentais para a compreensão daquilo que é narrado. Não obstante, os eventos, por mais sérios que sejam, são tratados superficialmente. Não há um desenvolvimento psicológico muito profundo dos personagens, e as experiências, embora pareçam muito graves, não deixam as marcas que se suporia que deixassem. João Xilim, desde o momento da sua infância em que descobre ser mulato, não evolui em seu modo de pensar e de agir, apesar de passar por experiências decisivas: comete incesto, tenta matar sua mulher, que o

traíra, é preso, mata um homem, é liberto, revê sua meia irmã, que amara, e volta a morar com a mulher traidora . Tudo isto (e no livro há muito mais) afetaria a vida de uma pessoa, mas João não dá demonstração disso.

A forma em que o romance é escrito é tam bém um pouco frouxa. O uso constante do presente e a li nearidade são cansativos. Assim, apesar do suceder cons tante de eventos importantes, a atenção do leitor não é muito requerida.

Estes problemas, no entanto, podem ser compreendidos se situarmos o livro em seu contexto histó rico. Escrito nos anos 50 e lançado em 1966, reflete a situação que Moçambique vivia, como colônia portuguesa, assistindo à formação dos primeiros movimentos naciona listas que desembocariam na FRELIMO (Frente de Liberta ção de Moçambique). Um país nascente possui uma literatu ra também nascente: Orlando Mendes é considerado o pri meiro autor de romance moçambicano, e Portagem é um li vro de fundação. É claro que seu valor não é atestado so mente por este fator histórico. Orlando Mendes consegue relatar muito bem a discriminação racial. Veja-se este trecho, como exemplo:

"Deita-se debaixo de uma árvore, num campo fora da cidade, extenuado. Todas as raivas da sua vida pas sam-lhe, uma a uma, pela memória. Não, não tem nada de que se arrepender. Cumpriu fielmente o seu desti no. Foi sempre ele, o mulato, um homem clandestino: na barriga da mãe, moleque em casa de D. Laura, me

nino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra entre os sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido. Procura dolorosamente as raízes dos outros destinos que se entrelaçaram no seu. (...) O erro fundamental que comprometeu a paz da sua vida foi o abraço de mãe Kati e de patrão Campos, esse abraço que fez dele um ser duma nova raça infamada. Tudo o que passou depois, tudo o que pesou sobre o seu coração e manchou as suas mãos e os seus olhos, proveio desse erro. Por toda a parte ele encontrou gente que anda à toa, rejeitada pelos brancos e pelos negros. Deserdada pelas duas raças puras. Mas ele esconderá dos filhos a memória dos pecados das negras Katis e dos patrões Campos. E eles crescerão como se a raça mestiça não tivesse nascido de um abraço fortuito."

(pp. 169-170)

Aqui fica clara a posição crítica do mulato, sem no entanto resvalar para panfletário. É uma literatura de fundação, mas que deixa já entrever a força que alcançará.